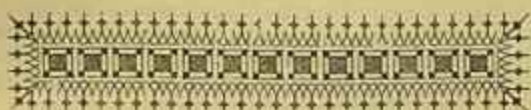


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest. 18 n.º*	Trim. 9 n.º*	N.º à entrega	21.º Anno — XXI Volume — N.º 700	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Paço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	34800	16900	5950	5120	10 DE JUNHO DE 1898	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Gaetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Alguma coisa nos ficou do centenário, contando-nos que, se elle não foi tão brilhante, como era para desejar e a causa o merecia, não foi comtudo o que certos máis prophetas agoiravam.

Alguma coisa se fez, muito se provou ser possível fazer-se um dia.

Atraz de tempos, tempos vêm, e outros hão de vir melhores.

Na Tapada da Ajuda continua aberta a exposição de alfaias agricolas, com certeza uma d'aquellas que mais deve interessar a portuguezes. Bastará para isso lembrarmo-nos de que o principal motivo da exportação do nosso ouro é a falta importantissima de cereaes. O pagamento dos juros da divida externa que tanto ouro nos leva entra para o desequilibrio financeiro em segundo logar.

Bastaria este facto para que todas as attentões se volvessem para assumpto de importancia tão capital.

O Alemtejo, onde a charneca impera por enquanto, deve um dia transformar-se em região cerealifera, das mais opulentas da Europa. Muito se tem já feito e as experiencias com os novos adubos trouxeram uma alma nova aos mais descoroados lavradores. Muitos hectares tem sido arroteados e o juro do capital foi muito além das melhores esperanças. Terrenos houve, desde tempos immemoriaes abandonados á esteva e ás urzes, que deram na primeira colheita perto de quarenta sementes. Os exemplos não faltam, faltam infelizmente os capitães. Pois teriam ali uma collocação excellente.

Mas um outro motivo deverá concorrer para chamar o publico á exposição.

A Tapada da Ajuda é dos mais bellos sitios do mundo.

Ainda não ha muitos dias, lemos um livro d'um escriptor estrangeiro, recommendando a todos os viajantes, que quizessem visitar Lisboa, o passeio ao alto da propriedade real, até onde foi construido o observatorio astronomico.

Difficilmente poderá encontrar-se paizagem que a tanta belleza reuna maior magestade.

Mas o publico anda distrahido. Teve ha pouco em Lisboa o Novelli, um dos maiores artistas do mundo, e não foi ao theatro — estava pensando na guerra; tem agora motivo para um dos mais bellos passeios, e não vae á Tapada — está pensando nas pulgas.

Nas pulgas?... Sim, senhores, umas pulgas sabias que dançam, jogam as armas, andam de carinho, cantam, fazem discursos, dormem em algodão em rama e sustentam um homem, ao contrario de todas as pulgas, que costumam sustentar-se d'elles.

Ellas lá estão para quem as quizer ver n'uma barraca da Feira Franca. Cada espectáculo, cada enchente, e em Lisboa não se falla n'outra coisa.

A feira continua concotridissima, quasi unico refugio para essas noites quentissimas, que muito brevemente nos esperam.

Já se vê uma grande differença na animação das ruas, tanto mais notavel quanto de perto se seguiu ao excepcional movimento dos dias de festejos.

Verão. Demais os habitos do inverno se prolongaram.

## GUERRA HISPANO-AMERICANA



UM VOLUNTARIO DE CUBA

Só agora fecharam as côrtes. O normando teve por esse motivo grande extracção nos artigos de fundo d'estes ultimos dias. Mas verdade, verdade, a politica, não grado os tempos perigosos que vão correndo, está longe de ser n'este momento a nossa preocupação.

A abstenção passiva tem feito proselytos.

Os deputados provincianos foram se para as suas terras e das mais altas regiões da sociedade foi dado o signal da partida para as estações balneares.

Ah! é toda a animação agora.

A rainha Senhora D. Amelia, partiu ha dias para S. Pedro do Sul e o Senhor D. Carlos anda a fazer uma pequena viagem pelas costas do Algarve, percorrendo as principaes cidades e villas do litoral.

Lisboa vai socegando, bocejando, amortecendo os olhos para uma soneca de quatro mezes.

Não faltarão entretanto algumas novidades theatraes e uma já tivemos, que a muitos trouxe contentamento. Abriu as portas o theatro da Trindade, inaugurando a epoca de verão com a opera comica *Noite e dia*. Boa filha a casa torna e a operetta lá voltou.

É director da nova companhia o actor José Ricardo, que no Porto esteve dirigindo o theatro D. Afonso e que é, sem contestação, um dos melhores actores portuguezes n'aquelle genero.

Palmyra Bastos, que tanto provou o seu valor como ingenua dramatica durante este inverno, volta aos seus antigos papeis. Innegavelmente, é ella uma das nossas primeiras estrellas no genero. Ainda ha pouco cantou o principe da *Gata Borralheira*, como poucas o poderiam fazer. Mas... Afinal bom é que ella seja as-im. Quando está na opera comica faz falta no drama; quando no drama faz falta na opera comica. Talento e gentileza é o que ninguem lhe contesta.

No theatro da Avenida vai estrear-se brevemente a companhia, que durante o inverno trabalhou no theatro do Principe Real do Porto, sob a direcção do actor Taveira. O grande exito que n'aquelle cidade obteve a revista de Guedes de Oliveira, *Ali... a preta* animou Taveira a fazer a jornada. A comedia dizem a primorosa A grande telhada da Angela Pinto faz os principaes papeis e a musica é de Cyriaco de Cardoso. A logica manda concluir successo.

A companhia do theatro de D. Maria está no Porto, dando as suas recitas concorridissimas como sempre, no theatro de S. João Parece que irá depois a Braga, Setubal e Evora, passando n'esta ultima cidade as festas proximas.

Tanta noticia theatral em pleno verão é coisa rara. Que nos reservará o inverno? Mystérios! pois a respeito de concurso para adjudicação do theatro de D. Maria nada se diz nada se sabe, nada sabem talvez os que já tudo deveriam saber.

Fala-se em que seremos visitados pela Réjane, um dos mais gloriosos nomes do theatro francez.

Assim seja. Depois da Duze o Novelli depois d'este a Réjane! Quando as companhias estrangeiras tragam d'estes directores, bem vindas sejam sempre a Portugal.

O theatro D. Ameliea annunciou os espectaculos de strea de uma companhia de zarzuela, que nos dizem magnifica, sendo seu director uma notabilidade no genero, que tantos admiradores tem entre nós.

A Heganha não deve estar muito para divertimentos agora, e não é por isso de espantar que muitas das melhores de suas companhias theatraes queiram tentar algumas excursões em paiz estrangeiro.

Não são muito animadoras as noticias, embora os proprios Estados Unidos se vão convencendo que, se a primeira lhes foi favoravel, a partida ha de levar seu tempo.

As attentões de todos estão voltadas para o almirante Cervera, um valentissimo e experimentado marinheiro. Todos acreditam que, um dia, uma noticia chegará de surpresa Mas a quem trará ella alegrias, se algumas consigo trouxer?

A Hespanha continúa a lutar valentemente e a provar que ainda conta entre os seus filhos alguns grandes homens. Que lhes preste homenagem, como Portugal o está fazendo aquelle que El-rei D. Carlos chamou, quando ella se extinguiu, a melhor luz do seu reinado.

Na sala Port gal da Sociedade de Geographia estão expostas as provas para o concurso do monumento em honra do grande medico portuguez, José Thomaz de Sousa Martins.

Este nome glorioso bem merece ser perpetuado por todas as formas. Quantos conheceram o notabilissimo professor, o homem de sciencia o clinico incançavel, quantos lhe deveram gratidão e amizade, devem estimar as provas de altissimo con-

ceito em que o tiveram collegas e discipulos, organisadores da subscrição.

Sousa Martins era um homem encantador, talento privilegiado, cheio das mais vastas aptidões. Muitas vezes, em diferentes congressos no estrangeiro honrou o nome de Portugal.

Querem erigir-lhe uma estatua. O local escolhido foi o jardim em frente do novo edificio da escola medica, ainda em construcção. Ah! devia ser.

Obteve o primeiro premio o projecto do sr. Queiroz Ribeiro. A parte architectonica é realmente bellissima.

Mas permittam-nos uma observação. Essa parte tem toda a importancia, quando se trata de um general, de um tribuno, de um grande revolucionario, quando se trata mais da commemoração de factos que de apothese ao genio de um homem. Para Sousa Martins desejaríamos alguma coisa muito mais modesta, com menos symbolos, menos allegorias. Appellaríamos tão sómente para o escultor. Queríamos no sorriso, na fronte elevada, no gesto cansado d'esse robustissimo talento, ler-lhe a alma, conhecer-lhe alguma coisa da sua vida tão santamente levada, tão util a todos. É portanto para o talento, de que o sr. Queiroz Ribeiro tem dado provas como escultor, que appellamos agora. Que o retrato seja parecido, eis o importante, parecido em toda a significação que esta palavra deve ter para um artista.

Lebrun, que pintou um dos ultimos retratos de Luiz xiv, tel-o velho como era, sem o lisonjejar, o que muito escandalizou o Rei-Sol.

— Pois tão velho estou? perguntou.

— Senhor, respondeu-lhe Lebrun, vejo mais algumas victorias a aureolar-lhe a fronte.

Cortezão, sim: máu pintor não quiz.

João da Camara



## AS NOSSAS GRAVURAS

### A GUERRA HISPANO-AMERICANA

Sob este titulo principiamos hoje a publicar gravuras relativas a guerra que está empenhada entre a Hespanha e os Estados-Unidos da America e que prende as attentões de todo o mundo.

O contral-almirante D. Pascual Cervera y Topete, cujo retrato estampamos n'este numero, é o celebrado commandante da esquadra hespanhola, cujas operações em Santiago de Cuba tanto teem desnortado as opiniões.

O contra-almirante Cervera é um official muito distincto na armada hespanhola, de que são fiadores mais de quarenta e cinco annos de effectivo serviço, e tem demonstrado a sua intelligencia e valentia em grande numero de campanhas, como as de Africa, de Joló e Cuba.

Tem o peito coberto de condecorações nacionaes e estrangeiras, foi ministro da marinha, e hoje accarreta com a tremenda responsabilidade de commandar, a bordo do magnifico couraçado *Infanta Maria Tereza*, a esquadra hespanhola em operações nas aguas de Cuba.

Pela vista da entrada e bahia de Santiago de Cuba, que na mesma pagina reproduzimos, se comprehende bem a difficuldade natural que ha dos cruzadores americanos saberem se a esquadra hespanhola está dentro da formosa bahia, como igualmente succede aos hespanhoes com respeito a saberem se os inimigos estão bloqueando a entrada.

Na estampa estão consignadas as indicações mais interessantes com respeito ás operações da guerra. Accrescentaremos aqui alguns dados valiosos para bem se avaliar da importancia de Santiago de Cuba, porque quando Cervera entrou allí, os inimigos disseram ser mau ponto strategico e sem maior importancia, por em ainda ha pouco incitavam os insurrectos cubanos a formarem ali a sede do governo provisório reconhecendo a magnifica posição de Santiago.

D'estas contradicções resulta que a vista que hoje offerecemos ao leitor decerto merece alguma attenção.

O porto de Santiago de Cuba é a capital do antigo departamento oriental da ilha, e pelo seu movimento maritimo e mercantil, em epocas normaes que é considerado o segundo porto das Grandes Antilhas. Está muito bem abrigado de todos os ventos e tem uma entrada larga, com-

quanto difficil pelo tortuoso do canal e interna-se uns cinco kilometros e meio de SO. a NE.

A costa E do canal, em cuja parte exterior está o castello do Morro, alarga se em promontorio pedregoso, onde na extremidade se ergue o castello da Estrella. Esse promontorio raso com outro que avança ao S. forma o canal de entrada, que tendo primeiro uma largura de cento e vinte braças se vai estreitando até á bocca da enseada, onde continúa sem differença até rebaixar o cabo Smith, sitio onde o porto começa a alargar-se.

A cidade está situada na margem occidental, e estende-se em amphitheatro, destacando-se á direita pelo pharol de 244 pés de altura, sobre o nivel do mar, pelos dois castellos e uma alta ribeira d'onde descem oito pequenas correntes, das quaes são mais caudalosas a Cascón e os rios de Caimanes e Paradás.

### A EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA

Entre as brilhantes festas nacionaes promovidas pela commissão executiva do centenario nomeada pela Sociedade de Geographia com o fim de solemnizar o quarto seculo da descoberta do caminho maritimo para a India, devemos especialisar as exposições do jornalismo e arte typographica portugueza realizadas nas salas do Atheneu Commercial de Lisboa.

Incontestavel e indiscutivelmente a exposição da imprensa foi, pela sua originalidade e belleza, um dos numeros mais notaveis d'esses festejos commemorativos e sem duvida o que mais gravado ficou na memoria do publico estudioso, que n'esta commemoração procurou não só recrear-se mas instruir-se, justificando assim o preceito horaciano: *Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci*.

Estava esta exposição destinada a figurar junto ao congresso internacional da imprensa. Nesse sentido vieram publicadas no *Diario de Noticias*, se a memoria não nos falla, as bases para a sua execução, elaboradas pelo nosso presado amigo e apreciado collaborador sr. Silva Pereira.

Circulando porem o boato de que o congresso da imprensa já não se podia realizar nas festas do centenario, a ideia da exposição foi posta de parte e ter-se-hia de certo malogrado, se não fosse a louvavel iniciativa do sr. Alberto Bessa secretario da Associação da Imprensa e redactor do *Seculo*, que em sessão d'assembleia geral d'aquelle collectividade, apresentou uma proposta n'esse sentido, proposta que foi acolhida com enthusiasmo pelos circumstantes e desde logo approvada por unanimidade.

Approvada a ideia cumpria dar-lhe execução pratica não tardando em ser nomeada uma commissão promotora e installadora d'esse certamente o primeiro n'aquelle genero que se fazia no paiz.

A commissão ficou composta dos seguintes cavalheiros, todos membros d'aquelle benemerita associação: A. Xavier da Silva Pereira, Sebastião da Silva Leal, Heliodoro Salgado, J. V. d'Andrade Neves e Alberto Bessa.

Ocupando o primeiro o lugar de presidente e os ultimos o cargo de thesoureiro e secretario da commissão.

A solemne abertura inaugural effectuou-se no dia 14 de maio e o encerramento da exposição no dia 30.

Desnecessario é descrevermos aqui o que foi esta notabilissima exposição porque ja o fizemos no numero 607 do OCCIDENTE, em um excellente artigo escripto pelo nosso dedicado collaborador, sr. Silva Pereira.

Bastará accrescentarmos que essa exposição impoz-se de tal forma pelo seu brilhantismo, que a commissão executiva do centenario, que ao principio havia adherido friamente á ideia da sua installação, talvez pelo motivo de a julgar impraticavel, ou não lhe merecerem plena confiança as pessoas que compunham a commissão promotora, acabou por abraçar calorosamente a sua realisacão, não só destinando para ella uma verba relativamente importante, senão tambem influindo directamente junto á direcção da Sociedade de Geographia para que esta ali se fizesse representar com a valiosa collecção do seu excellent boletim.

Este facto significativo é um dos melhores trophes alcançados pela laboriosa commissão promotora que, arcando com as maiores difficuldades, destruindo todos os obstaculos que se antepunham á realisacão do seu commettimento, conseguiu vencer as más vontades, convencer os incredulos, attrahir o publico e conquistar os geraes applausos das pessoas que visitaram as salas do curioso certamen.

O plano, habilmente architectado dividiu-se em

23 grupos, dando-se a cada agrupamento o nome d'um laureado escriptor portuguez. Os expositores foram em numero de 107 obtendo cada um d'elles o seu competente diploma de concorrência, em conformidade com o art. 7 do Plano.

Obtiveram o grande diploma de honra 35 concorrentes e 48 o diploma de merito.

Não comporta a estreiteza do lugar de que podemos dispor para aqui mencionar o nome de todos os recompensados. Limitamo-nos pois a enumerar os que lograram obter o primeiro premio.

1.º Grupo: Srs. D. José d'Aragão da Costa Lacerda, Sebastião da Silva Leal e José Cypriano da Costa Goodolphim.

2.º Grupo: O Jornal dos Romances, do Porto.

3.º Grupo: O Occidente; Charivari, Pontos; Portugal Artístico e Monumental; E. Casanova.

4.º Grupo: Boletim da Sociedade de Geographia.

5.º Grupo: A Bordadeira; Moda Portugueza; Moda de Hoje; Cancioneiro de Musicas Populares.

6.º Grupo: Tiro Civil.

7.º Grupo: Gazeta dos Caminhos de Ferro.

8.º Grupo: Educação Nacional; dr. Mascara.

9.º Grupo: A Voz do Operario.

10.º Grupo: Boletim dos Archeologos.

13.º Grupo: A. X. da Silva Pereira; Jordão Apolinario de Freitas; Lello & Irmão.

14.º Grupo: Antonio Rodovalho Duro.

16.º Grupo: Jornal dos Cegos.

17.º Grupo: Gazeta da Relação; Mundo Legal e Judiciario.

18.º Grupo: Antonio Romão Passos; Gazeta das Aldeias; Jornal Horticola-Agricola.

19.º Grupo: Aurora do Cavado.

20.º Grupo: Empreza do «Seculo»; Photographia Guedes, do Porto; Photographia Biel & C.º

23.º Grupo: Sociedade Protectora dos Animas.

Entre os concorrentes que obtiveram diploma de merito contam-se as empresas dos seguintes jornaes: Echo Militar, de Portimão; Echos da Avenida; Jornal de Viagens, e Amphion; a Critica; O Correio; Civilização Popular; Arte Typographica; Caixaio Portuguez; Jornal dos Constructores Civis; Jornal de Pharmacia e Chimica; Correio Elvense; Revista do Exercito e Armada; Philatellista do Occidente; O Imparcial de Marco de Canavezes; e finalmente a magnifica colleção do photographo Gião intitulada: *A Imprensa Portugueza*.

O OCCIDENTE para não se affastar do seu programma, publica hoje os retratos dos membros da commissão promotora da exposição e a vista da grande sala onde se realisou esse curiosissimo certamen.

Annexas aquella sala estavam as da exposição typographica e das photographias, que constituiram a grande attenção dos visitantes pelos bellissimos trabalhos artisticos que continham.

Que diremos a respeito dos benemeritos e talentosos promotores d'esta exposição, que não seja conhecido do publico, que já por vezes os tem laureado pelos seus labores jornalisticos e como obreiros incansaveis da instrucção do povo?

SILVA LEAL é filho do fallecido e distinctissimo escriptor e funcionario conselheiro José Maria da Silva Leal. A sua copiosa colleção de jornaes, o que pôde imaginar-se de mais precioso e variado, contem especimens dos mais raras e dos mais antigos. Silva Leal tem collaborado vantajosamente n'alguns jornaes litterarios e ultimamente publicou uma interessante resenha dos jornaes indo-portuguezes, opusculo que foi enfiar-se brilhantemente entre as recentes publicações commemorativas do centenario da India.

ALBERTO BESSA é actualmente um dos mais esclarecidos redactores do *Seculo*. A elle se deve em grande parte o enorme successo que teve a exposição da imprensa. A sua bagagem litteraria que é já avultada e valiosa põe em brilhante relevo a energia e talento de que é dotado. No Porto onde nasceu e permaneceu até 1894, em que veiu para Lisboa, fundou e redigiu com rara habilidade e intelligencia grande numero de jornaes.

HELIODORO SALGADO — jornalista de raça. Tem de ha muito o seu nome firmado como polemista de pulso e orador insinuante. Foi redactor da *Discussão*, da *Folha Nova*, do *Protesto do Norte*, da *Mocidade de Hoje*, *Protesto Operario*, *Voz Publica* do Porto, escreveu no *Seculo* e é actualmente director politico da *Vanguarda*. O seu nome avanta-se como o d'um jornalista arrojado e de poderosos recursos intellectuaes.

ANDRÉ NEVES. Um dos mais denodados evangelisadores das regalias e interesses populares. Soldado fiel e dedicado da propaganda democratica, tem não poucas vezes sido victima da sua dedicacão e lealdade. Como redactor do *Seculo*

acompanhou a primeira expedição á Africa e os serviços que ali prestou a esse jornal foram re levantissimos, mercê do seu invejavel talento e apreciaveis aptidões como jornalista. Tem collaborado e redigido em muitos jornaes. Hoje redige na *Folha do Povo* e na *Vanguarda* sendo os seus escriptos lidos com verdadeiro interesse pelas classes laboriosas.

LUDGERO VIANNA — Presidente da direcção da Associação da Imprensa e membro *attaché* da commissão promotora. Servimo-nos do termo *attaché* para bem frisar a diplomacia que elle empregou juncto á Commissão Executiva do Centenario, para que ella se dignasse patrocinar o empreendimento difficilissimo da exposição. A sua influencia se deve ao auxilio que a commissão installadora recebeu para esse fim. Ludgero Vianna é jornalista experimentado e de larga data. Vinte annos esteve no *Diario Illustrado* exercendo ali o lugar de secretario da redacção. Fez parte do nucleo redactor do *Correio da Europa* um dos melhores jornaes illustrados que se tem publicado no reino, e mais tarde, fundou a *Mala da Europa* esplendida illustração da actualidade e com extracção enorme no Brazil. Como escriptor dramatico tem sido muito applaudido pelas plateias dos theatros secundarios, se bem que este illustre escriptor tenha follego de sobejo para mais altos vãos como bem o tem justificado.

A. X. A SILVA PEREIRA. Nosso presadissimo collega. Não nos permite elle que digamos o muito que teriamos a dizer de elogios a seu respeito. Os seus artigos, pela maior parte de investigação historica, acham-se esparços por cincoenta e tantos jornaes em que tem collaborado e mui principalmente na *Illustração Popular*, *Ramalhe de Christo*, *Universo Illustrado*, de que foi director litterario, *Economista*, *Revista Theatral*, *Album Illustrado*, *Eco Liberal*, *O CINESTA*, etc. etc.

Tem sido desde 1886 dedicado correspondente do *Conimbricense*, sendo as suas curiosas correspondencias lidas com muito interesse nas provincias do norte.

Entre os seus muitos trabalhos de investigação notam-se os referentes ao jornalismo portuguez, do qual conseguiu fazer, depois de longos exames de estudo uma completa bibliographia, que é a sua principal gloria como escriptor consciencioso e erudito.

Eis em breves linhas os perfis litterarios dos benemeritos promotores da *Exposição da Imprensa*.

O OCCIDENTE ao publicar-lhes os retratos aponta-os ao agradecimento da classe jornalística, a que elles tem jus, pela brilhante e completa realisacão d'um certamen tido, á data em que se abriu, como inexequível e sem valor para o publico. O talento e a persistencia no trabalho produz d'estes milagres.

## VASCO DA GAMA

(Continuado do n.º 699)

Desde algum tempo, como dissemos, D. João II sentia a doença ameaçar-lhe a vida, o que o obrigava a procurar em diversas localidades o ar puro, com que se julgava reparar-lhe os visiveis estragos d'ella.

A ultima localidade onde permaneceu foi a povoação das Alcaçovas no Alemtejo. Ahi se demorou algum tempo, mas, continuando a progredir o mal, resolveram os medicos que fosse tomar as aguas de Monchique, no Algarve, celebres desde tempos immemoriaes.

Antes de partir das Alcaçovas fez o seu testamento, que foi escripto pelo seu confessor, havendo, porem o ultimo paragrapho todo da sua propria mão, com letra firme e perfeita. Estavam entao com o rei, seu filho D. Jorge, D. Manuel, duque de Beja, depois rei, D. Martinho de Castello Branco e outros. Mostra-se ainda na antiga e aruinada residencia dos Condes das Alcaçovas uma janella, onde, segundo a tradição, o rei vinha sentar-se, espairar a vista pelos campos, e sonhar provavelmente com os seus projectos de descobrimentos, que via interrompidos pela fatalidade.

Partiu o rei para Monchique, começou a fazer uso das aguas, e sentiu-se peor com esse tratamento. Este caso, que é ordinariamente o que succede com os que vão tomar essas aguas, era desconhecido, segundo parece, dos clinicos d'aquelle tempo, e por isso em vez de insistirem no tratamento, o que talvez produzisse o effeito desejado, suspenderam-n'o e visto que a localidade, como ainda hoje, não offerencia grandes commodidades, retirou o rei para Alvor, onde a caho de

pouco tempo terminava a sua luminosa existencia aos 25 de outubro de 1495, cercado de pouca gente, e na força e vigor da idade, pois contava quarenta annos.

Succedia-lhe, por direito e disposição testamentaria, seu primo co irmão D. Manoel, duque de Beja, principe instruido, intelligente, e, como se viu logo, capaz de proseguir e levar a bom termo as ideas de expansão e communicacão com o mundo desconhecido, alvo da politica portugueza.

Dizem alguns escriptores que a continuacão dos descobrimentos estava determinada por D. João II, achando-se tudo preparado para a primeira expedição, madeiras cortadas, aprestes, gente, marinha-gem, pessoal superior etc. tudo disposto em summa; contudo, era este um ponto de tal maneira importante e dominante, que parece devia merecer uma menção especial da parte do monarcha para o seu successor; debalde porém se procurará tal indicacão no testamento. A respeito de negocios externos, apenas encontramos a seguinte verba:

*Item, hei-de mandar contra os mouros, por ordenança do padre santo, sex caravellas que andem armadas sex mezes, ou lhe hei-de mandar um milhão e oito centos mil reaes.* —

Esta armada de seis caravellas durante seis mezes, ao que parece, annualmente, devia embarcar um pouco as disposições para as viagens longinquas; mas é esta a unica menção relativa a expedições n'aquelle documento.

Pelo que toca a successão e governo do reino, depois de recomendar a todos que obedecam e sirvam como devem o novo rei, diz o seguinte:

*E ao dito duque, meu primo, deixo todos os ditos meus regnos e senhorios, de que nosso Senhor Deus me fez rei e Senhor com sua benção e minha e de todos nossos avós. E encomendo-lhe a justiça e o bom regimento d'elles, e que sempre tenha grande amor e obediencia a Deus nosso Senhor e a seu serviço e á santa madre igreja grande acatamento.*

Bem sabemos que no bom regimento do reino está implicito o proseguimento dos projectos da sua politica de expansão, mas é um pouco vaga a generalidade, para a podermos entender em sentido restricto.

Um dos mais illustres contemporaneos, e que serviu com a maior lealdade, energia e dedicacão a um e outro monarcha, Duarte Pacheco, fallando no seu *Esmeraldo* dos descobrimentos emprehendidos por um e outro, diz claramente a respeito do primeiro:

*«E assim descobriu mais do promontorio de Caterina, donde seu padre acabou, até o promontorio de Boa Esperança, que está alem do circulo da equinocial trinta e quatro graos e meio de latitude contra o polo antartico e d'alli até o Penedo das fontes, que por outro nome o Ilheu da Cruz chamamos, que é mais além deste promontorio cento e sessenta legoas; assim que monta em todo o que este excellento principe descobriu, setecentas e sessenta legoas de costa, (em que entra o reino de Manicongo com outra muita desvairada gentildade) assaz tormentosa e difficil de navegar donde se estendeu a esperança e vontade de se descobrir a India que ora vossa magestade novamente tem sabida.»*

Mas do nascer ou estender a esperança e vontade de se descobrir a India, a preparar a expedição para esse effeito, vae grande differença, e por isso Duarte Pacheco, prosegue na sua synthese historica por este modo:

*«Todas estas cousas, serenissimo principe, som verdade e muitas d'ellas em nossos dias praticamos, mas que direi de Vossa Alteza e da graça divina que o summo creador em vosso animo derramou, dotando vos de tão excellento ingenho, saber, e fortaleza que todos os vossos antecessores assim antigos como modernos (passaes?) por quanto no segundo anno de vosso reinado da era de Nosso Senhor de mil e quatrocentos e noventa e sete e no vinte e oito de vossa idade, Vossa Alteza mandou descobrir esta costa do Ilheu da Cruz donde el-rei D. João acabou em deante, e nom sentindo nem estimando as grossas despezas que se nisto fizeram, se descobriu e navegou alguma parte daquella Ethiopia sob Egypto, que das primeiras idades a nós sempre foi de todo incognita . . . . e mais adeante por vosso mandado foi descoberto tão grande caminho e mar até se saber a grande provincia de Malabar, que India baixa se chama . . . e entre todos os principes occidentaes da Europa Deus somente quis escolher Vossa Alteza que isto bem soubesse &».*

Dando, pois, como possivel que D. João II co-

## GUERRA HISPANO-AMERICANA

meçasse a tomar algumas disposições para proseguir no caminho dos descobrimentos, como por todos os seus actos, n'este districto da sua sabia administração, se deprehende, é certo que a doença, devia abater-lhe a actividade e impedir que elle podesse dar o ultimo impulso a tão grande commettimento.

Foi, pois, D. Manuel, que, apenas subiu ao throno, dedicou toda a sua attenção, intelligencia e actividade a pôr o ultimo complemento aos projectos dos seus antepassados; assim se realisou o que na sua admiravel concisão expressa Camões:

Parece que guardava o claro Ceo  
A Manuel e seus merecimentos  
Esta empresa tão ardua . . . . .

(Continúa). Brito Rebello.

## MEMÓRIAS LITERÁRIAS

SEBASTIÃO FERREIRA DA CUNHA

I

O poeta, arcando com grandes difficuldades, e procedendo a leituras e estudos vários, trouxe para assumpto da peça um episodio dos últimos tempos do infortunado D. Sancho II, tendo por fim, ao que parece, glorificar a inegualvel fi-



O ALMIRANTE CERVERA

delidade de Martim de Freitas, e tornar evidente a sanha irreconciliavel do astuto, ferrêho e poderoso D. João Viegas, arcebispo de Braga.

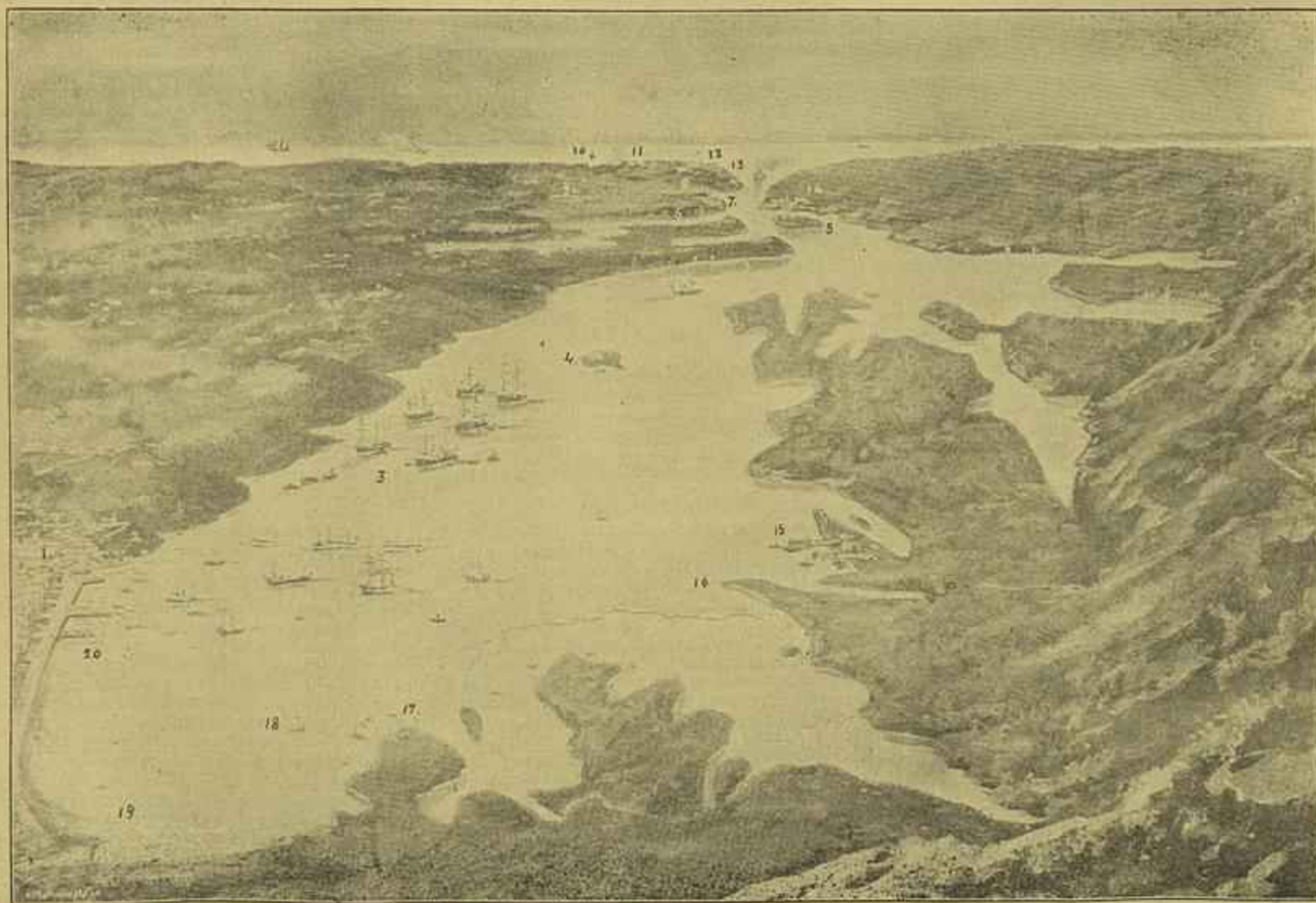
E protagonista o irmão d'este, D. Ramon Viegas Portocarrero, rico homem de entre Minho e Douro.

O primeiro acto passa-se nas fraldas da serra de Airo, diante do presbitério da aldeia d'este nome. Portocarrero mal ferido por um urso, durante certa caçada, é trazido ao burgo e velado a occultas por Aldonça, filha de um velho guerreiro, que guardava, como preciosa lembrança de familia, um saio de malha, que de seu destemido pae herdara.

O enfermo não travara conhecimento com a carinhosa enfermeira, que é requestada por um rapaz do povo, mas que so se apaixona pelo desconhecido, a quem trata e que, pobre della! lhe desaparece, numa occasião, em que se ausentara, mandado buscar pelo bispo, seu irmão; o que deixa a pobre donzela semilouca de pesar.

E aqui termina o acto.

Os sentimentos do padre João Annes, que muito prezava a rapariga, a quem tudo esclarece e a quem protege; o seu affecto aos môços, que educa e que reunira no adro do eremiterio, para a oração respectiva, e a despedida, que lhes faz, pintam-se do seguinte modo:



1. Santiago de Cuba — 2. Punta Blanca — 3. Esquadra hespanhola — 4. Cayo Ratones — 5. Cayo Smith — 6. Punta Soldado — 7. Castello de Santa Catalina — 8. Bateria da Estrella — 9. Enseada da Estrella — 10. Vigia — 11. Pharol — 12. Morro — 13. Punta del Morillo — 14. La Socapa — 15. Desembarcadouro do Cobre — 16. Punta Sal — 17. Buenavista — 18. Navio soberano — 19. Rio Gascon — 20. Matadero

BAHIA DE SANTIAGO DE CUBA

GUERRA HISPANO-AMERICANA



Alberto Bessa ✓



Silva Pereira ✓



Heliodoro Salgado ✓



Andrade Neves ✓

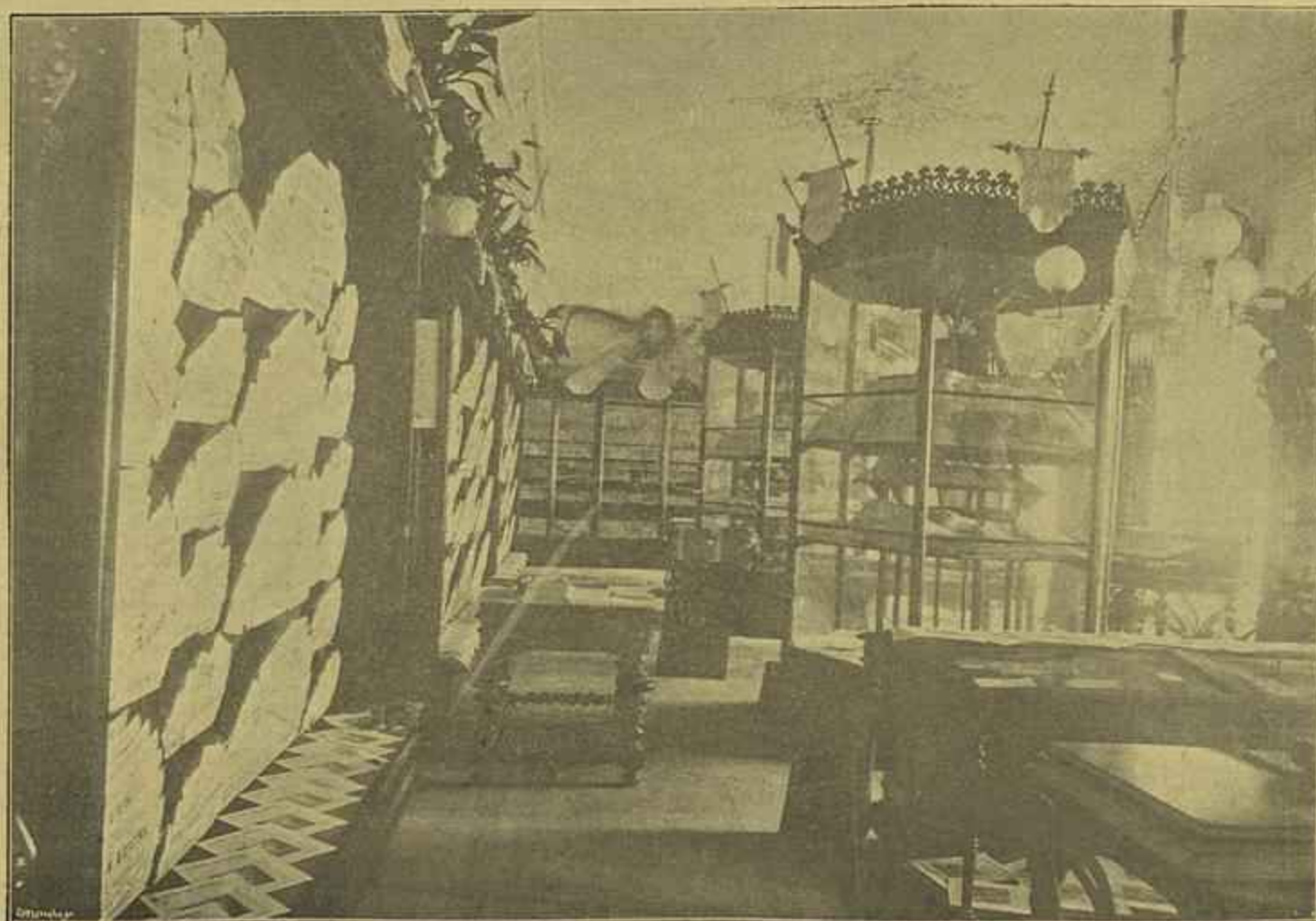


Ludgero Vianna ✓



Silva Leal ✓

COMISSÃO DA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA



A EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA NAS SALAS DO ATHENEU COMMERCIAL.  
(Cópia de uma photographia do sr. Gião)



## OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE PARINA

(Continuado do numero anterior)

## XV

Na feira de Beneficencia

N'quelle anno, os periodicos milanezes levaram tambem a provincia a boa noticia de que o Carnaval fóra uma maravilha, ou, mais exactamente, um assombro; e n'aquelle anno passeava tambem pelas ruas de Milão multidão de provincianos, um tanto cansados, um tanto somnolentos, um tanto alegres, porém de modo algum apressados.

Motivo que faz com que n'estas paginas se não leiam agora as maravilhas de então.

O que constituia espectáculo novo e gracioso, se bem que, no dizer dos provincianos, um pouco frio, era a *Feira de Beneficencia*, principal atractivo da juventude masculina de Milão.

O grande salão do jardim Publico fóra transformado em bazar; nas galerias, convertidas em lojinhas, com raparigas, dos quinze aos vinte annos, alegres e risonhas, acompanhadas por uns cincoenta velhos agradaveis, estavam occupadissimas em vender o mais caro possível a compradores facéis de contentar e que não regateavam o preço da mercadoria.

As jovens, mesmo as que não eram bonitas, estavam tão contentes, tão animadas sorriam com tal donaire, tagarelavam com tanta expansão, sabiam dizer impertinencias tão leves e amáveis, que todas pareciam bonitas. Traziam ámetade ou um terço ou um quarto de mascaradas de veludo preto, e aquella pequena porção de escuro, que nada escondia, dava maior realce aos feitiços do rosto e da idade.

Os velhos eram de toda a classe: altos e direitos ou pequenos e estirados, com as frentes calvas e lisas quaes bolas de bilhar ou sulcadas como terra em lãbra; havia-os penteadinhos, havia-os hirsutos; joviaes ou serios, mas todos encanecidos.

Em uma galeria, entre outras varias jovens, estava a Amalia, e por detraz d'ella e dos demais, sete ou oito velhos, entre os quaes, Rómulo, Joaquim e o doutor Roque Trombeta. Este, sentado n'uma cadeira de balouço, encostada a um buffet, parecia estar aborrecidissimo. Joaquim permanecia immovel e fixo ao lado de um velhinho minúsculo ao pé do qual parecia gigante, ou deitava para traz, a pretexto do calor, o alvissimo chinó, afim de que todos vissem que não só conservava o proprio cabelo como tambem o tinha de um formoso tom grisalho.

Rómulo encontrára um companheiro que era realmente muito alto e se julgava desconforme, ao contrario do excellentissimo Affanni, o qual da melhor vontade houvera descido dois degraus do seu companheiro, segundo lhe aconselhava o Joaquim. Permanecia encostado a uma columna, ao lado da Amalia, contemplando um ponto fixo, porém indeterminado, do espaço sem limites, e sorria ao seu passado, e aos seus sonhos predilectos.

Tocava na galeria superior uma orchestra invisivel; suaves murmúrios enchiam o amplo salão, corriam pelas arcadas vozesinhas mysteriosas, que um engenheiro de tez enfarinhada attribuia prosaicamente á defeituosa construcção do local, nas quaes porém reconhecía o Rómulo os mysteriosos accents do... os mysteriosos accents da... accents emfim, mysteriosissimos. E quando a Amalia, depois de haver levado a cabo venda assaz difficil, porque o comprador encontrava pretextos mil para prolongar a transacção, triumphante, se volvia para elle, ao Rómulo parecia-lhe que n'aquella carinha morena, meio assombreada pela máscara, estava vendo a viva imagem da sua Tranquilina, tal qual permanecera para elle debaixo da máscara do tempo. E o triste, coitado, virava-se para observar as furtadellas o doutor Roque, o qual sem suspeitar coisa nenhuma, continuava a estar soberanamente aborrecido.

Havia, com effeito, entre a comitiva, um engenheiro que, debaixo da perúca e dos polvilhos brancos se parecia immenso com o Enéas. Necessitava-se de um homem de muito boa vontade para ir registrando as vendas, e como elle se offercera, aceitaram-n'o e empoearam-n'o.

O espectáculo da feira não era tão monotonico como ao doutor Roque lh'o fazia parecer a sua affecção de fígado; aos animados colloquios de uma galeria a qual, bem comparada, lembrava immensa gaiola de passaros, succedera logo inopinado silencio, durante o qual escutavam todos attentamente as graciosas controversias e as ré-

plicas vivazes nas outras galerias proximas ou afastadas. Presenciavam-se scenas originaes; um franganote, que dêra a volta a todas as lojas improvisadas, comprando um objecto em cada uma, estacava em frente d'uma vendedeira loura para comprar qualquer coisa... o que? — uma coisa, seja o que for, e pedia conselhos e sorrisos; outro pagava por uma gravata mais caro do que se fosse um chaile; pretendia porém que a propria vendedeira lhe atasse o laço... e a mascarasinha condescendia... por amor dos pobres. As meninas mais bonitas não tinham mãos a medir; quem passava pelos palanques via alguma d'aquellas risonhas victimas que, não podendo já consigo, ia sentar-se n'um divan, ao fundo, implorando modestamente aos velhos que a encubrissem.

Amalia não era d'essas; conhecendo, como de facto conhecia, pouqui-sima gente em Milão, a poucos fóra dado ainda verificar que era a rapariga mais bonita de todo o universo. Por este motivo, cabiam-lhe momentos de ocio, durante os quaes ia fazer uma festinha ao resmungão do papa, ou dirigir um sorriso ao Joaquim, ao Rómulo...; ao engenheiro Enéas, coisa nenhuma.

De repente, quando principiou a ouvir-se a orchestra invisivel, e a multidão, cada vez maior, se revolvía em circulo e em massa compacta, desapareceu dos labios da Amalia o sorriso, e d'ella se apossou um sentimento, mixto de colera, de hesitação, de anciedade, e das varias sensações que, assim que via o Frederico, de ordinario experimentava, com alguma coisa mais por contrapés, talvez um pouco de rubor.

Apoiava-se a joven á balaustrada da tribuna, e o mancebo, com o movimento circular da multidão, aproximava-se d'ella, por aquelle lado. Vira-a e preparara um cumprimento que a Amalia estava disposta a não ver. Para conseguir o fim proposto e occultar a turbação, pôz-se ella a olhar em derredor como quem busca um comprador qualquer, mas não os havia. Ao lado d'ella, uma loura soberba vendia ramalhetes por preços fabulosos, e, um pouco mais além, uma trigueirinha, toda ella fogo, tinha deante de si um individuo que para fazer um madrigal pedia-lhe que o deixasse accender o charuto nos seus olhos. Ria a menina, e, se apesar da sua compaixão para com os necessitados não podia realizar semelhante prodigio, realisava outro, accendendo ella propria o charuto, mordendo-lhe a ponta com os dentinhos e fazendo um gesto delicioso quando o fumo lhe entrava pelos olhos ou pela garganta. O comprador, aceitando o charuto das mãos da joven, dizia muito a sério que o fumo bem sabia o que fazia, e pagava tudo, charuto, trabalho da vendedeira, e até os seus atrozes madrigaes.

Teve a Amalia tentações de retirar-se para o fundo da galeria, escondendo-se atraz dos velhos, lembrou-se até de um engenheiro enfarinhado que estava por detraz d'ella, longe, muito longe, n'outra zona, em outro mundo, e esteve tentado tambem de ir sentar-se a seu lado. Não fez porém nem uma nem outra coisa, e deixou-se ficar no seu lugar, com as mãos encostadas á varanda, e perdido o olhar por entre a multidão.

— Minha senhora — lhe disse alguém com accento cortez.

A joven lobregára o Frederico, sem que tivesse olhado para elle; fingiu-se admirada e baixou sobre elle a vista.

— Por que preço faz pagar um dos seus olhos? — perguntou o mancebo.

— São de graça, como vê — replicou a Amalia, com voz levemente perturbada.

— E não tem mais nada que me venda? — insistiu o Frederico.

— Ora essa! tenho sim, senhor! Um ramalhetes, um par de luvas se o deseja, ou um bilhete da rifa d'um cavallo de sella; até lhe dou um bom numero.

Rómulo e Joaquim, quando viram o amigo, haviam-se aproximado da donzella; o engenheiro Ferri, absorto no registro das vendas, não podia apartar-se do livro em que as ia assentando, mas seguia de longe aquelle episodio e distrahia-se extraordinariamente.

Fortalecida pela presença dos dois velhos, a rapariga mais bonita de todo o universo recobrou pouco a pouco a impavidez e poude, com certo atrevimento cheio de encanto, offerrecer ao Frederico uma porção de artigos variados. O mancebo, de tempos a tempos, fitava-a, silencioso, e a Amalia pensava que elle o fazia com o intuito de a desconcertar. Imaginem se o conseguiria!

De subito, o Frederico perguntou:

— Minha senhora, o amor aos pobres não a levará a vender-me um beijo?

O Rómulo e o Joaquim soltaram uma garga lhada, e a alma de engenheiro Enéas, prisioneira entre as folhas do registro, verteu lagrimas secre-

tas, sem comprehender ainda o motivo de semelhante riso.

— Porque não? — retorquiu a Amalia com o rosto todo elle em chammás, porém sem titubear.

— Mil francos cada um, quantos deseja?

Pronunciadas estas palavras e com ira muito superior á vergonha, olhou em redor. A soberba lourinha, a morenita de fogo e as outras lindas vendedeiras, que tinham ouvido tão extranha proposta, interrompendo as transacções respectivas, olhavam com os olhos espantados; mais de um gracioso focinho se adeantou como que brincando... E creio que n'aquelle instante tão innocentes caixeirinhas se haveriam sacrificado todas do mesmo modo com o maximo enthusiasmo. De que não será capaz a compaixão para com os pobres!

O Frederico, porém, não reparava nas outras, nem houve entre os compradores quem quizesse imitar-lhe o exemplo. Em quanto todos olhavam, elle, tranquillo, saccou do bolso a carteira, e examinou o conteúdo.

— Não posso comprar senão trez — disse, erguendo a cabeça.

Viu então que a Amalia, pouco antes com as faces como brazas, empallidecera em extremo, e comprehendeu que, chegado o momento da entrega da mercadoria vendida, a pobresinha sentia-se desfallecer, e que o espectáculo de tantos olhos curiosos fixos na sua pessoa, fazia cahir por terra a sua momentanea audacia.

Dizia, uma, em voz baixa:

— «E o namorado.»

Enéas, dizia outra:

— «E o noivo.»

— Que faria? N'aquelle transe, renunciar era expôr-se a uma surriada geral... o Frederico, pelo seu lado, sentia apoderar-se d'elle certo embaraço. Atravessou-lhe a mente uma ideia; tirou tres bilhetes da rifa de cavallo de sella, e apresentando-os á joven, conjunctamente com um lapiz:

— Queira fazer-me o seguinte: — disse, porém com voz muito menos segura do que antes — escrever em cada um d'estes bilhetes: «Vale um beijo» e assignar. Pagar-me-ha quando melhor lhe convenha, na presença do papa e da mamã.

Fulgiu um relampago de gratidão nos olhos da Amalia; sorriu-se e escreveu. Porém quando, ao entregar os tres papellinhos, recebeu a respectiva importancia em tres notas do banco de mil francos, voltou-lhe, com a ousadia, o despeito.

— Faltam os tres francos correspondentes aos tres numeros da rifa.

— Queira desculpar — disse o Frederico — eil-os aqui.

Pagou e lá se foi; seguido por um grupo de gente, enquanto que outro grupo ficava de sentinella aos porticos para vêr a joven que se retirára para detraz dos velhos. E vendo que não tornava a apparecer, houve quem affirmasse que não era tão bonito como se dizia, e que *esta, aquella e aquell'outra* eram, sem comparação, mais bonitas — consolação mui opportuna para *esta, aquella e aquell'outra*.

A Amalia, entremettes, sentada a um canto, esforçava-se por não chorar de raiva; o engenheiro Enéas assentava os tres mil francos e os tres beijos com a morte no coração; o dr. Roque dormia, e o Joaquim esfregava as mãos.

Nem o Rómulo nem o Joaquim tomavam a serio a ira da joven; consolavam-na, mas sem se acalorarem muito, ostentavam semblante obscuro, notava-se porem que debaixo d'aquella obscuridade tremulava luz; fallavam com accento moderado e grave, mas lá no fundo deviam de estar rebentando por se rirem ás gargalhadas, e quando diziam e repetiam que o Frederico lhe pegára uma peça de entrudo e nada mais, era fora de duvida que não sentiam o que estavam dizendo.

— Se os senhores o não acreditam — exclamou, porfim, a Amalia, — como querem que eu o acredite? Trocaram um olhar os dois velhos e, vendo-se adivinhados, não disseram palavra.

— Quem é que não percebe que o sr. Frederico não me pode ver e que o que quiz foi vingar-se.

E os dois velhos, ambos de accordo, repetiam que aquillo fora apenas brincadeira de carnaval. Um e outro, porém, sustentariam a péz juntos, lá de si para si, que o Frederico estava perdidamente apaixonado pela Amalia.

— Quiz humilhar-me — affirmou ella; — obrigarme, primeiro, a corar deante de todos e, em seguida, agravar-me com a sua generosidade. Não sei como não morri de vergonha — mas que quer elle? — odeia-me!

— Queira perdoar — obtemperou o Joaquim — mas porque motivo hade odiar o Frederico?

— Porque eu lhe tenho odio; sempre o odiei;

comecei a odial-o logo desde que o vi; e nem sei o que o daria agora para lhe fazer pagar bem cara a sua audacia.

—Quer-me parecer—opinou o Romulo—que lh'a fez pagar assaz carinha... tres mil francos por tres beijos que demais a mais não recebeu... Sentiu a Amalia como que uma labareda a lamber-lhe as faces e escondeu o rosto nas mãos.

—Estou capaz de chorar de raiva e despeito—disse, em seguida, erguendo o semblante, lacrimoso—mas não quero dar-lhe esse gostinho; não choro.

Socegou um tanto e perguntou:

—E agora, que succederá?

—Nada que seja mau, minha menina. O Frederico esta noite irá apresentar-lhe a sua letra á vista; isto é, deante do papá e da mamã. A menina pagal-a-há, como faz qualquer banqueiro, muito senhora de si; e rirémos todos... Verá que o caso não é tão temível como lhe parece.

A Amalia pensou tambem, e chegou a convencer-se de que não era tão temível.

—Sim—disse, rindo;—fize-lhe pagar bem cara a vaidade... E pena ser tão rico!

—Console-se—respondeu o Romulo;—não será tão rico como dizem: em uma pessoa tendo dinheiro como dez, augmentam logo, e espalham que o tem como vinte. Nos nossos tempos, tambem nós passámos por ter o tal milhãozinho de rigor: não é verdade, Joaquim?

—Pois já se vê—retorquiu o interpellado—e é que havemos de pagar juros como se effectivamente o possuíssemos.

E d'ahi—exclamou o Romulo, apelando para a memoria;—o Frederico deve ter perdido muito dinheiro a semana passada com a quebra do Banco de... Não disse quanto perdeu porque ainda o não sabia.

A Amalia escutava em silencio, maravilhada por sentir lá por dentro alguma coisa que vagamente se assimilava ao remorso de ter feito pagar os seus beijos relativamente caros.

—Terá perdido pouco—disse por fim;—a não ser assim, não estaria de tão bom humor... E d'ahi, peor para elle;... devia ter confessado humildemente que... eram demasiado caros e ir-se embora sem tractar mais do assumpto; creio que em tal caso teria começado a ter-lhe affecto.

O Romulo, porém, respondeu que não com a cabeça e o Joaquim foi-lh'o dizendo, claro e nitido.

(Continúa)

Pin-Sel.

## NECROLOGIA

### CORONEL FIRMINO JOSÉ DA COSTA

Falleceu no dia 29 de maio, o sr. coronel de engenheiros Firmino José da Costa, chefe do estado maior da sua arma, e por tantos titulos, um dos officiaes mais distinctos do exercito portuguez.

Não sabemos n'elle que mais admirar, se os elevados dotes do seu caracter de homem honrado e bom, se as qualidades de militar de uma arma scientifica que elle soube honrar como poucos. São prova d'isto as varias commissões officiaes que desempenhou, sempre de modo superior, com inexcusable intelligencia e zelo, como a das fortificações de Lisboa, o que da testemunho o forte de Caxias, construido debaixo da sua direcção, e as de governador de Macau, para que foi nomeado em 1886 e depois a de governador da provincia de S. Thomé.

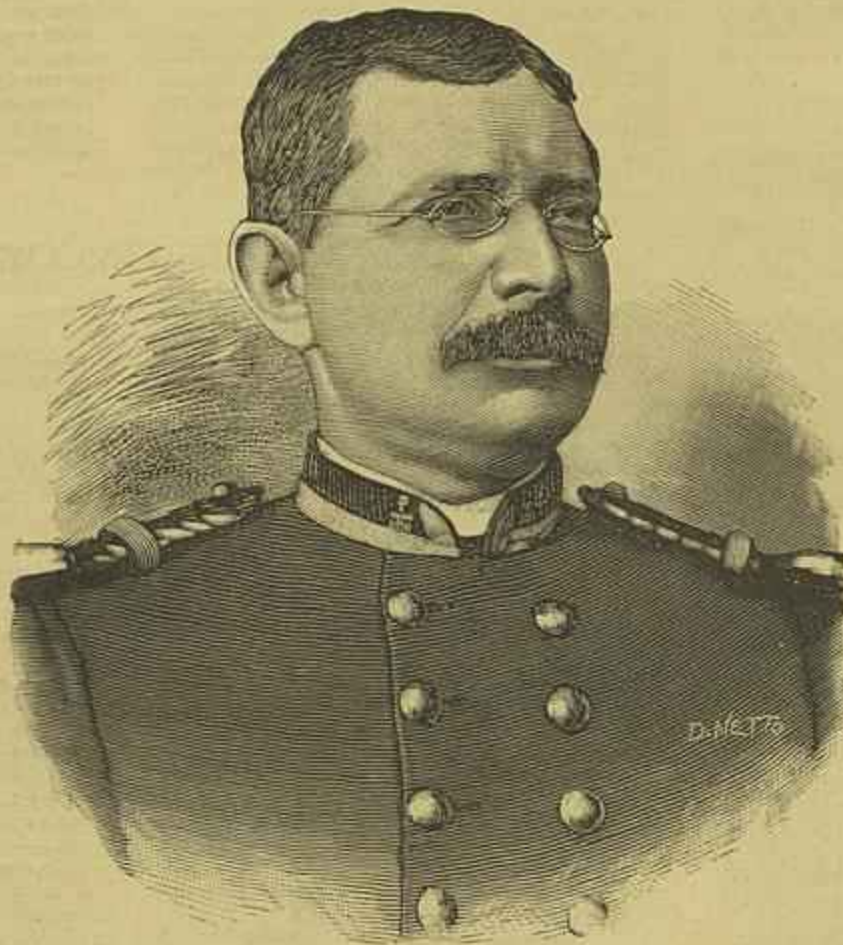
O sr. Firmino José da Costa, nasceu em Lisboa a 3 de agosto de 1843 e foi alumno do Collegio Militar, onde fez um curso distinctissimo, tendo por condiscipulos Ferreira de Mesquita, Celestino de Sousa, Pina Vidal, Moraes d'Almeida e tantos

outros que se tem distinguido na sua vida publica.

Sentou praça em 14 de agosto de 1859 e foi promovido a alferes em 1861, seguindo os mais postos da sua arma até ao de coronel, em 1891. Estava numero um para o posto de general.

Deixa legitimos e dignos successores das suas notaveis qualidades em seus filhos, os srs. Eduardo Costa, capitão do estado maior, Alberto Costa, 1.º tenente de marinha e Raul Costa, alferes de cavallaria, um dos heroes das campanhas d'Africa.

Trabalhou sem descanço e honestamente para manter sua familia e educar seus filhos, dandolhes exemplos de uma vida honrada e sã, e no meio da muita dedicação que estes lhe mereciam, ainda encontrou bom auxilio seu irmão o sr. Antonio Francisco da Costa, ajudante de campo de Sua Magestade El-Rei D. Carlos, amparando-o e guiando-o na sua educação e nos primeiros passos da sua vida publica. Facto altamente honroso para a memoria do illustre finado, n'esta epoca de egoismos.



CORONEL FIRMINO JOSÉ DA COSTA — FALLECIDO EM 29 DE MAIO DE 1898



## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Manchas por Pereira Bravo.** Lisboa — 1898.

Eis um livro de versos, offerta delicada de um moço poeta, cujo enthusiasmo vibrante e estro irrequieto empolgam o leitor, que difficilmente lhe negará o justo apreço que merece.

Decididamente, a poesia é uma grande arte; ora nos commove docemente ora nos eleva em raios de arrojado ás culminancias do Helicon, pois nos deleita e encanta, mercê dos seus mais talentosos cultores.

Pereira Bravo accentua n'este seu livro aquella individualidade, tão extranha como especial, já tão conhecida pelos seus amigos e que este soneto tão bem traduz:

ALMA IMPERFEITA

Porque será que nada me deslumbra,  
Nada me encanta, nada me suavisa:  
Nem o som que nas arvores desliza,  
Nem a luz que no espaço ressumbra.

O mar não me fascina nem me alumbra.  
O refulgente sol quando agonisa.  
Vejo dos campos evolvar-se a brisa.  
E sempre em mim existe uma penumbra.

Porque é que todos te amam, natureza.  
E eu, só, te encaro cheio de frieza  
Como o doente encara a luz do dia?

E' que minha alma quer mais amplidão.  
Como imperfeita, adora a perfeição.  
E esta só paira pela phantasia.

Esta especial individualidade de poeta mereceu ha pouco as seguintes palavras de justiça que gostosamente transcrevemos por serem insupezitas:

«O tom geral do livro é bom. Como estreia que é, já se vê que tambem ha de ser manchado, podendo-se fazer escolha e preferencia entre as suas poesias. Pereira Bravo tem sonetos muito bem feitos, muito bem burilados, e muito perfeitos na forma. Todas as suas composições revelam-nos altamente a primeira qualidade do bom poeta — a sinceridade. Além d'isso o livro tem imagens bem concebidas, naturaes e aquellas mesmo que se nos antolham como mais exóticas — são originaes e ferem pela sua propriedade. Gitemos, por exemplo, esta bella quadra com que elle fecha uma poesia intitulada *Outono*, em que descreve a passagem do verão para aquella estação do anno:

E os mortos, habituados  
ao calor da terra ardente,  
apparecem constipados  
e entisicam novamente».

**Zoologia Elementar Agricola.**  
Empreza Editora F. Pastor — Lisboa.

Esta obra illustrada com mais de 700 gravuras, constará de duas partes: *Zoologia Geral* e *Zoologia Especial*, segundo os methodos de S. Schilling, dr. Noll, Leunis, H. Ludwig e Pokorny.

Dedicada á mocidade estudiosa das Escolas Agricolas de Portugal, tem por auctor o illustre professor sr. Paulo de Moraes, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vogal do Conselho Superior de Agricultura e director do Museu Agricola Florestal de Lisboa, cargos em cujo desempenho tem affirmado a sua muita competencia que n'esta sua obra se confirma plena e cabalmente.

**Patria e Conversão** — Com este titulo e o subtitulo de *Verdades Amargas*, publicou o sr.

Ladislau Batalha um appello vibrante contra a conversão.

A sua leitura revela o sentir dos socialistas portuguezes, e como é bom conhecer as ideias politicas de todo o mundo, por isso o lêmos.

VISTA GERAL

DA

FEIRA FRANCA

NA

AVENIDA DA LIBERDADE

Estampa a côres medindo 60 centimetros de largo por 45 centimetros de alto, propria para emoldurar

500 RÉIS

Pedidos á *Empreza do Occidente*, largo do Poço Novo.

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 e 29